

O CURRÍCULO EM DESENCANTO – PENSAMENTO NAGÔ YORUBÁ NA TESSITURA DOS CURRÍCULOS NOS COTIDIANOS

Marco Aurélio da Conceição Correa

(Universidade do Estado do Rio de Janeiro – marcao_cp2@hotmail.com)

Tatiana Santos dos Reis

(Universidade do Estado do Rio de Janeiro – tatiana.reis.16@hotmail.com)

Resumo: O presente resumo tem a intenção de apresentar críticas e reflexões sobre a concepção dos currículos na contemporaneidade através do pensamento Nagô Yorubá. Compreendendo que os currículos são criados a partir das diferentes redes de *conhecimentossignificações* presentes nos cotidianos, influenciados pelas culturas, identidades, diferenças e as experiências de interação com os artefatos culturais que nós criamos. Para romper com as mazelas da modernidade, que subjuguou diferenças e aprisionou identidades, utilizamos o pensamento Nagô Yorubá como intercessores de nossos estudos que possibilitam essa ruptura. Analisando os princípios e valores civilizatórios presentes no conjunto de contos e lendas que compõe a mitologia Nagô Yorubá, principalmente nas figuras dos Orixás, nos encontramos possibilidades transformações nos currículos e em nossa sociedade. Reconhecemos que a sincronicidade oriunda dos povos africanos, principalmente os Yorubás, nos permite ver o mundo como uma tessitura de redes intrincadas de *conhecimentossignificações* que apesar de serem controlados por regimes de poder não podem ser completamente dominados. Indo além da ideia de fetiches como classificação pejorativa para as subjetividades negras como irracionais e inferiores, percebemos o fetiche como uma potência para se pensar o encantamento nos processos curriculares no cotidiano escolar. Analisando letras de músicas que evocam os Orixás, suas lendas e mitos, seus arquétipos e suas potências definimos táticas para se encantar o currículo.

Palavras-chave: Pensamento Nagô Yorubá, Currículos nos cotidianos, Redes, Fetiche, Encantamento.

Introdução

O presente texto tem a intenção de apresentar críticas e reflexões sobre a concepção dos currículos na contemporaneidade através do pensamento Nagô Yorubá. Compreendendo que os currículos são criados a partir das diferentes redes de *conhecimentossignificações* (ALVES, FERRAÇO, SOARES, 2017) presentes na sociedade, influenciados pelas culturas, identidades, diferenças e as experiências de interação com os artefatos culturais que nós criamos.

Para romper com as mazelas da modernidade (ALVES, 2001), que subjuguou diferenças e aprisionou identidades (SILVA, 2010), utilizamos o pensamento Nagô Yorubá (SODRÉ, 1988) como intercessores de nossos estudos (DELEUZE, 1995) que possibilitam essa ruptura.

Analisando os princípios e valores civilizatórios presentes no conjunto de contos e lendas que compõe a mitologia Nagô Yorubá (VERGER, 1997), principalmente nas figuras dos Orixás, nos encontramos possibilidades transformações nos currículos e em nossa sociedade. Reconhecemos que a sincronicidade oriunda dos povos africanos, principalmente os Yorubás, nos permite ver o mundo como uma tessitura de redes intrincadas de *conhecimentossignificações*

(RIBEIRO, 1996) que apesar de serem controlados por regimes de poder não podem ser completamente dominados.

Indo além da ideia de fetiches como classificação pejorativa para as subjetividades negras como irracionais e inferiores (SILVA, 2010), percebemos o fetiche como uma potência para se pensar o encantamento (MACHADO, 2014) nos processos curriculares no cotidiano escolar. Analisando letras de músicas que evocam os Orixás, suas lendas e mitos, seus arquétipos e suas potências definimos táticas para se encantar o currículo.

Currículos, fetiches e a tessitura de conhecimento em redes

A cultura, além de suas múltiplas definições como, os modos de viver, as práticas manuais e materiais, as junções de experiências de vida, trocas de conhecimentos e de inteligibilidade, está para além dessas definições, ela produz sentidos.

O significado estrito de cultura não é o suficiente para definição e realização da produção de sentidos. A vida social e suas diversas áreas podem somente ser completamente compreendidas através da sua prática de significação. Áreas e atividades tão diferentes umas de outras como a engenharia, alimentação, ciência, economia, educação, política e até mesmo o currículo, são produções culturais e a parte fundamental para existência e funcionamento dessas produções são as atividades de significação.

Os significados e os sentidos não são produzidos separadamente, nem de forma isolada. Os significados vão sendo organizados em relações, estruturas e sistemas. Tais sistemas e estruturas e relações se organizam em redes de *conhecimentossignificações*. Analisando essa forma de produção, quando a desmembramos e percebemos cada parte sendo feita, sendo decifrada, e compreende-se para que ele foi elaborado, e ao descrever seus efeitos percebe-se como o discurso e os atos estão ligados as atividades e sua prática discursiva. Sendo assim, a teoria e a prática andam juntas, de maneira que todo sentido teórico se forma em uma estrutura depois de decifrado, partindo para ação prática, causando o movimento de sentido e significação para quem está operando.

O sentido e o significado, entretanto, não são produzidos de forma isolada, circulando como átomos, como unidades independentes. O significado e o sentido tampouco existem como ideia pura, como pensamento puro, fora do ato de sua enunciação, de seu desdobramento em enunciados, independentemente da matéria significante, de sua marca material como linguagem. Os significados organizam-se em sistemas, em estruturas em relações. Esses sistemas, essas estruturas, essas relações por sua vez, apresentam-se, organizam-se como marcas linguísticas matérias, como tramas, como redes de significantes, como tecidos de signos, como textos, enfim. (SILVA, 2010, p. 18)

Neste mesmo movimento, ao se pensar nos sujeitos que estão na tessitura de *conhecimentossignificações* dos processos culturais percebemos outro protagonista inserido no contexto, as identidades. Da mesma forma que a cultura se encontra uma dificuldade para se definir as identidades, tanto como conceito ou processo. As identidades se definem pela constante produção de diferença que ocorrem nos processos culturais e sociais. “A diferença, e, portanto, a identidade, não é um produto da natureza: ela é produzida no interior de práticas de significação, em que os significados são contestados, negociados, transformados.” (SILVA, 2010, p. 25).

Apesar de aparentar serem processos fixos as identidades estão em constante diferenciação se reformulando e se restituindo. São as interações criadas através das experiências com o “Outro” que a identidade constantemente se redefine. Desta forma identidade e alteridade estão sempre em contato.

A identidade, tal como a cultura, tampouco é um produto final, acabado, uma coisa. Ela é objeto de uma incessante construção. Os resultados dessa construção, tal como as práticas de significação a que está vinculada, são sempre incertos, indeterminados, imprevisíveis. Como diz Stuart Hall (1994, p. 222), deve-se pensar na identidade como uma “produção, que não está nunca completa, que está sempre em processo, e é sempre constituída no interior, e não fora, da representação”. Além disso, esse processo de formação da identidade está sempre referido a um “outro”. Sou o que o outro não é; não sou o que o outro é. Identidade e alteridade são assim, processos inseparáveis. (SILVA, 2010, p. 25-26)

As relações de alteridade, de diferenciação cultural, são assimétricas exatamente pelo caráter complexo e fluído das identidades. Apesar desse movimento quase que incalculável, as relações de poder fundamentam as relações de alteridade. E são as relações entre essas diferenças culturais que formulam as relações de poder de uma sociedade.

Não existindo uma essência que limite as identidades, reconhecemos mais uma vez o seu caráter de devir, do vir a ser a partir de uma potência anterior, nunca um ponto fixo. Apesar da fluidez não pode ser desconsiderado o fator histórico das identidades sociais, são elas que podem determinar afinidades e discordâncias e também relações de hierarquia.

Na contemporaneidade as hierarquias que dominavam o campo das representações e da criação e distribuição de expressividades, materiais ou simbólicas, são postas em cheque quando um grupo de identidade minoritárias - aqui menor não em sentido de qualidade ou quantidade, mas sim de poder hegemônico – começam a se rebelar contra as delimitações postas outrora.

Para a educação escolar e seus currículos todas estas particularidades estão presentes em seus

processos. Da mesma forma que o currículo pode simplesmente reproduzir e manter as diferenças culturais e sociais hierarquizadas, o currículo tem a potência de romper com as estagnações e delimitações, afirmando identidades culturais, políticas, étnicas e sociais contrária ao caminho hegemônico e homogeneizador das relações de poder modernas. Um currículo deve propor a discussão e redefinir certos papéis estagnadas na sociedade, como por exemplo, o caso do racismo e a inferiorização e estereotipação que a população negra sofre.

No contexto da diáspora negra cada vez mais é preciso se pensar em uma "solução para os 'problemas' que a presença de grupos raciais e étnicos coloca, no interior daqueles países, para cultura nacional dominante." (SILVA, 2010, p. 85). Uma possibilidade de se pensar em romper com tais tradições discriminatória, seria pensar da maneira que Tomaz Tadeu (2010) elucida brevemente:

As diversas culturas seriam o resultado das diferentes formas pelas quais os variados grupos humanos, submetidos a diferentes condições ambientais e históricas, realizam o potencial criativo que seria uma característica comum do ser humano. As diferenças culturais seriam apenas a manifestação superficial de características humanas mais profundas. Os diferentes grupos culturais se tornariam iguais por sua comum humanidade (SILVA, 2010, p. 86)

Como conhecemos, a sociedade em que vivemos atualmente é formada por diversos paradigmas que discriminam mulheres e homens através de suas diferenças. Esse pensamento se consolida como hegemonia dominante no mundo na época conhecida como Modernidade, período onde as ideias em ciências se tornam a forma única como se encarar a realidade (ALVES, 2001). Na contramão desse movimento hegemônico acontecem, sendo notados ou não, movimentos quase que subterrâneos que subvertem essa lógica dominante.

Ou seja, ao mesmo tempo que reproduzimos o que aprendemos com as outras gerações e com as linhas sociais determinantes do poder hegemônico, vamos criando, todo dia, novas formas de ser e fazer que, "mascaradas", vão se integrando aos nossos contextos e ao nosso corpo, antes de serem apropriadas e postas para consumo, ou se acumulem e mudem a sociedade em todas as suas relações. É, pois, assim que aprendemos a encontrar soluções para os problemas criados por soluções encontradas anteriormente. No entanto, é preciso ter, de modo permanente, a atenção desperta, porque as tentativas de "aprisionar" este processo são violentas e moralistas, sempre. Mas o tempo todo, também, aparecem maneiras de burlar o que querem "estabelecido", "instituído" para sempre, surpreendendo até mesmo quem as empreende no que trazem de singular, e mesmo nos modos como se generalizam. (ALVES, 2003, p. 66)

Desta forma, encarar a que os conhecimentos são compostos em redes e que as tessituras de experiências, memórias, afetos e várias outras expressões é encarar os cotidianos como possibilidade de mudança (ALVES, 2001). Esta maneira de se pensar em redes é uma forma de ir além das delimitações da Modernidade. A ciência moderna por desconsiderar os *conhecimentossignificações* criados nos cotidianos, os

considerando mais associados ao senso comum, faz com que somente os valores certificados e estabelecidos hegemonicamente como inválidos e inferiores.

Rizomaticamente, os *praticantespensantes* vão organizando táticas e fazendo usos (CERTEAU, 1998) que subvertem a ideia hegemônica de Modernidade. Os rizomas são como a botânica explica, microfilamentos subterrâneos que se tocam, se encontram e se tecem, compondo uma vasta rede de ações incalculáveis e imprevisíveis para quem vê de cima. Deleuze e Guattari em seu *Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia* (1995), definem esse conceito:

Um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, intermezzo. A árvore é filiação, mas o rizoma é aliança, unicamente aliança. A árvore impõe o verbo "ser", mas o rizoma tem como tecido a conjunção "e... e... e..." Há nesta conjunção força suficiente para sacudir e desenraizar o verbo ser. [...] Entre as coisas não designa uma correlação localizável que vai de uma para outra e reciprocamente, mas uma direção perpendicular, um movimento transversal que as carrega uma e outra, riacho sem início nem fim, que rói suas duas margens e adquire velocidade no meio. (p. 36)

Assim com estas considerações percebemos que os saberes são tecidos constantemente nos cotidianos, abrangendo a forma de encarar a complexidade deste problema descobrimos

um mundo todo de possibilidades. Esta é uma atitude de subversão, que inverte os valores estabelecidos pela modernidade, ampliando as formas de percepção de uma maneira plena. São os acontecimentos dos cotidianos que nos mostram que a vida não é fria, calculável e previsível, são as multiplicidades dos acontecimentos que nos mostram a sua potência e complexibilidade (ALVES, 2001).

Com o problema evidenciado e as táticas organizadas temos que pensar nas práticas que podem alterar esse sistema. Acreditamos que as nossas experiências imagéticas e sonoras são marcantes para nossa formação pessoal e identitária. Desta forma, um artefato que pode parecer simples, ou um mero entretenimento se torna uma potente criação para se pensar os cotidianos. Pensamos assim os artefatos de uma cultura como personagens conceituais (DELEUZE, GUATTARI, 1992), aqueles que são intercessores para nosso pensamento e para nosso discurso. Alves, elucida bem esta ideia

Os personagens conceituais são, assim, aquelas figuras, argumentos ou artefatos que entram como o outro - aquele com que se 'conversa' e que permanece presente muito tempo para que possamos acumular as ideias necessárias ao desenvolvimento de conhecimentos e a compreensão de significações nas pesquisas que desenvolvemos. Esses personagens conceituais aí têm que estar, para que o pensamento se desenvolva, para que novos conhecimentos apareçam, para que lógicas se estabeleçam. (ALVES, 2011, p.13).

Considerando a ideia de conhecimento em redes, os acontecimentos dos cotidianos dos *praticantespensantes* da escola, são potências que definem e influenciam os currículos e os cotidianos nas

escolas. Entendemos *praticantepensantes* da escola também não somente os professores, os educandos, os funcionários, as famílias e todos participantes dos cotidianos escolares são sujeito de potência para a prática da educação. Todas as subjetividades destes *praticantepensantes* estão atuando nos acontecimentos dos currículos escolares.

Encantando o currículo com a Mitologia Nagô Yorubá

Estudando as sociedades e as culturas da África percebemos que apesar da imensa pluralidade do continente existem fios condutores que tecem similaridades entre os diferentes povos que habitam o continente, principalmente os povos que vivem a baixo da linha divisória do Sahel, a África negra.

Bantus, Yorubás, Fon, Hauçá e muitas outras etnias alimentaram com suas culturas, costumes, valores hábitos e crenças o território que hoje conhecemos como Brasil. Apesar da condição de escravidão, tomados de sua liberdade as culturas dessas etnias, que foram renomeadas em função de diversos fatores, como portos de origem, influenciaram o Brasil de diferentes maneiras. Mesmo sendo vistos como objetos e mercadorias, o processo da escravidão acabou sendo como um tiro pela culatra para a racista elite brasileira, já que diversas expressões e valores africanos hoje em dia são tidos como integrantes da identidade nacional.

Podemos elencar diversos princípios civilizatórios que marcar o caráter dessas contribuições negras: o culto aos antepassados, a ancestralidade perpassada pela tradição oral, o cuidado ao corpo e toda sua potência como uma força vital que permeia a vida, a ligação sagrada com a natureza e a terra, e todo uma noção sincrônica que interliga todos esses conceitos e todos os seres humanos em coletivo. Podemos pensar “o universo africano como uma imensa teia de aranha: não se pode tocar o menor de seus elementos sem fazer vibrar o conjunto. Tudo está ligado a tudo, solidária cada parte com o todo. Tudo contribui para formar uma unidade.” (RIBEIRO, 1996, p. 19).

Em nosso estudo aqui vamos nos ater na cosmovisão dos povos Yorubá, que no Brasil tiveram seus representantes renomeados de nagô, nome dados aos escravizados da Costa da Mina que falavam o Yorubá. Os Yorubá possuem a crença nos Orixás que são divindades ancestrais das manifestações de forças da natureza, o culto e o respeito aos antepassados regem e mantêm a existência da vida para os Yorubás.

Em sua cosmogonia, Olodumaré, o Deus Supremo, residia no infinito, e decidiu criar um outro mundo para ser habitado pelas divindades que ele criou. Olodumaré deixou os próprios como encarregados dessa empreitada e Oxalá, o rei do pano branco, tomou a frente da missão. O

Grande Orixá tomado pelo orgulho, mesmo aconselhado pelo sábio Orunmilá, não fez uma oferenda para o criador e tentou executar sua função sem conseguir, Exu o mensageiro de Olodumaré sabotava seus planos a cada nova tentativa. Odudua, o orixá paralelo a Oxalá percebe a situação e toma a frente fazendo sua oferenda e assim criando finalmente o novo mundo. Oxalá, instafisfeito com a situação vai reclamar com Olodumaré que acaba o destinando a outra função, criar os seres humanos que irão habitar a nova terra cultuando os Orixás (VERGER, 1997).

O resumo desse pequeno Itan¹ é o que sintetiza os princípios da cosmovisão Yorubá, o equilíbrio desse sistema só acontece com o devido culto aos ancestrais que são os mais sábios e podem promover benefícios aqueles que os louvarem. Este ciclo de energia, de axé, é o princípio básico do pensamento Yorubá.

Para os Yorubás, a força – denominada axé – é também um princípio-chave de cosmovisão. O axé, diz Juana Elbein, “assegura a existência dinâmica, que permite o acontecer e o devir. Sem axé, a existência estaria paralisada, desprovida de toda possibilidade de realização. É o princípio que torna possível o processo vital”. (SODRÉ, 1988, p. 94)

A sincronicidade explícita das culturas Yorubás nos demonstra que a sua concepção de mundo e de vida coletiva está atrelada a dois princípios que vão contrários aos ideais contemporâneas da modernidade: a sincronicidade ao invés da linearidade causal, e a noção de interligação coletiva ao invés da individualidade competitiva.

Encaramos aqui a cosmovisão Yorubá e sua crença aos Orixás como uma Mitologia que serve como um intercessor de nosso pensamento. Apesar de ser cultuada como uma religião nos territórios africanos e também no Brasil, como no Cadomblé, na Umbanda e em outras religiões de matrizes africanas, aqui fazemos usos desses contos e lendas para pensarmos em possibilidades de superar nossos problemas. Assim como outras religiões, podemos ver o conjunto de histórias que compõem o sagrado de uma crença, como uma mitologia e não como a história oficial das coisas. Diferentemente de como muitos fiéis fazem em historicizar sua crença, como o caso do Catolicismo que hegemonicamente define seus mitos como a história real.

Apesar do respaldo legal que a laicidade constitucional e a Lei 10.639/03 dão para pensar a presença da Mitologia Nagô Yorubá nas escolas, ainda encontramos hoje em dia

¹Itan é o termo em iorubá para o conjunto de todos os mitos, canções, histórias e outros componentes culturais dos iorubás.

muitos casos de intolerância e preconceito para expressões culturais relacionadas a subjetividades negras. Tidas como bruxarias, coisas do demônio, do maligno e feitiços a Mitologia Nagô Yorubá nos faz pensar novamente sobre currículos e a sua fetichização.

Buscando no decorrer da história a etimologia da palavra fetiche encontramos suas origens em Portugal com a palavra feitiço, derivada de *factitius* do latim o particípio do passado de fazer, fabricar. A conotação pejorativa da palavra se consolida com os primeiros contatos dos portugueses com os africanos do Reino do Congo, que tiveram o seu culto aos Inquices, suas divindades da natureza, associados a ideia de magia oculta. Após diversas traduções e translados que o *fetisso*, a forma criolizada em África, foi se tornar fetiche na França, esse caminho fez com que mudasse em geral o sentido primeiro da palavra mas continuou a carregar a ideia geral de falsidade, de fabricação (SILVA, 2010).

A fetichização, desde as épocas coloniais, mas ainda presente na atualidade, associa as subjetividades negras a essa ideia de irracionalidade, suspertição, ideais contrários a máxima iluminista da modernidade que racionalizou a escravidão (SILVA, 2010). A própria escravidão é uma das formas completas da fetichização, criando o fetiche nos corpos negros como mercadoria e/ou objeto social.

Entre os currículos e o fetiche:

O currículo é um fetiche. O currículo é um fetiche, antes de mais nada, para os “nativos”: alunos, professores, teóricos educacionais. Nesse culto “nativo” do fetiche, o currículo – o conhecimento, a informação, os “fatos” – é uma coisa que se possui, que se carrega, que se transmite, que se transfere, que se adquire. O currículo é uma lista de tópicos de temas, de autores. O currículo é uma grade. O currículo é um guia [...]. Na cultura “nativa”, o currículo é matéria inerte, inanimada, paralisada, que se atribui, entretando poderes extraordinários, transcendentais, mágicos [...]. De posse do fetiche - o conhecimento corporificado no currículo - os “nativos” se sentem seguros, assegurados, protegidos contra a incerteza, a indeterminação e a ansiedade do ato de conhecer. O fetiche do currículo conforta e protege. O currículo enfeitiça. O currículo é um amuleto. (SILVA, 2010, p. 101-102)

Na perspectiva externa, o currículo também é um fetiche, só que agora um fetiche que precisa ser exposto, revelado e denunciado. Desmascarando o seu caráter de interação com a própria sociedade, não o encarando como uma produção isolada do resto do *dentrofora* da escola, mas sim um produto deste próprio meio em uma relação constante de interações. Não nos vale ater se é necessário ou não desfeticizar o currículo, Tomaz Tadeu em seu livro *O currículo como fetiche. A poética e a política do texto curricular* (2010), apresenta várias perspectivas a serem escolhidas. A nossa intenção é reconhecer os processos que delimitam e aprisionam o currículo a fetiches pejorativos, mas também reforçar que é preciso dessa poesia criativa em reconhecer que não é possível somente considerar o conhecimento científico como válido.

Partimos aqui com esses pressupostos discutidos para pensarmos em uma forma de encantar o currículo com o pensamento Nagô Yorubá, a concepção em redes e de interconectividade entre tudo e todos, um maior cuidado com os seres e a natureza, ao contrário da sociedade predatória em que vivemos. O encantamento, é mais um dos princípios africanos que podemos utilizar nessa busca.

O encantamento é aquilo que dá condição de alguma coisa ser sentido de mudança política e ser perspectiva de outras construções epistemológicas, é o sustentáculo – não é objeto de estudo, é quem desperta e impulsiona o agir, é o que dá sentido. É esse encantamento que nos qualifica no mundo, trazendo beleza no pensar/fazer com qualidade, no produzir conhecimento com/desde os sentidos. É sem começo e sem fim, é um movimento constante, e movimento é conhecimento, é vida, é uma ação de ancestralidade, como já fora dito. Assim, o encantamento é da ordem do acontecimento, é papel da ancestralidade; esta é a forma, e aquele é o conteúdo. Aquele é produtor de sentidos, criador de mundos. (MACHADO, 2014, p. 17)

O encantamento que iremos propor aqui acontecerá através da música, através da potência que a música promove como artefato pedagógico, reafirmando a oralidade e a musicalidade como princípios civilizatórios afro-brasileiros. Apresentamos aqui quatro músicas que podem ser utilizadas como intercessores para nossos questionamentos sobre os currículos escolares e como possibilidades pedagógicas em salas de aulas. Possibilitando assim a introdução da Mitologia Nagô Yorubá e das discussões que fazemos aqui.

Para abrir os caminhos a primeira música a ser trabalhada aqui deve reverenciar Exu, o Orixá do movimento e da comunicação entre o Orun-Aiye, o mundo metafísico e físico respectivamente. A música que selecionamos foi *Fio de Prumo (Padê Onã)*² do rapper Criolo. Seguem alguns versos:

Laroyê bará
Abra o caminho dos passos
Abra o caminho do olhar
Abra caminho tranquilo pra eu passar

Laroyê eleguá
Guarda ilê, onã, orum
Coba xirê deste funfum
Cuida de mim que eu vou pra te saudar
Que eu vou pra te saudar

² <https://www.vagalume.com.br/criolo/fio-de-prumo-pade-ona.html>

Exu abre os caminhos porque é o orixá que primeiro recebe as oferendas assegurando o controle da ordem do sistema cíclico entre os dois mundos. Exu é guardião do Orun, dos ilês (casas de santo ou não) e dos caminhos (onã) e do axé. Seguindo os orikis, o conjunto poético de versos que compõe essa música, percebemos a importância de Exu para o pensamento Nagô Yorubá, distante da versão fetichizada em que o catolicismo associou o Orixá ao diabo cristão. Nos cotidianos escolares, essa música pode encantar e desfazer os nós que promovem a intolerância.

A segunda música selecionada foi *Oyá* do grupo *Metá³ Metá*. *Oyá* é o Orixá que controla os ventos e tempestades, apesar de ser associada ao ar é um Orixá com ligações com a água e nomeia um rio na terra natal da mitologia Yorubá, assim como a maioria dos Orixás femininos. *Oyá*, é uma Orixá guerreira e a tempestade representa o seu temperamento, afirmando que a sua força também podem ser características associadas ao feminino.

Oya oriri
Na chuva dançou
Veste o fogo, espada
Chama não se apaga

Beijo, clarão, labareda, pimenta
Se o vento se alastra, a brasa aumenta
É lava, combustão

Epahei Oya, epahei
Oya roro, Oya aji loda

Iansã, outro jeito de se chamar *Oyá*, nos itans já foi esposa de *Ogum* e a ajudava o marido a forjar o ferro com seus ventos, e também de *Xangô*, o qual sua tempestade prenunciava os trovões do Orixá da justiça. Nos serve para pensar o feminino longe das ótimas que é normalmente associada, a maternidade, a beleza e a fragilidade. *Oyá* nos encanta com seus fortes ventos que prenunciam a mudança, uma possível mudança do paradigma que envolve a mulher em nossas sociedades.

Oxóssi é o Orixá presente na terceira música que selecionamos, este Orixá tem a caça como a atividade que o representa. Para executar tal o ofício, o de provedor, *Oxóssi* usa de toda sua coragem e astúcia para capturar as suas presas. *Oxóssi* também é o Orixá da mata, pois é lá

³ <https://www.lettras.mus.br/meta-meta/oya/>

onde ele exerce sua função de caçador e conhece cada um dos encantos presentes da mata. Canta a música *Oxotokanxoxô e Uiratupã*⁴ da banda Aláfia, sobre a sua ardileza:

Chama os guerreiros de aruanda
Só pra firmar
Caboclo sabe e manda
Corre no mato dispara pra acertar
Pra derrubar

Na ponta da minha flecha
Tem promessa e traz caça
E não importa a ameaça
Alvo cansa só de olhar
Quem manda na floresta
Leva pena em sua testa
Pode me cortar em pedaços
Se esse bicho eu não pegar

O seu papel como patrono na linha dos cablocos na Umbanda serve como um encantamento para pensarmos na coexistência de diferentes crenças, opiniões e perspectivas. A astúcia das táticas de caça nos inspira a elaborar resoluções a situações bem complicadas que necessitem da precisão de um caçador.

Encerramos a lista com a divindade Oxum, rainha dos rios e cachoeiras, dona da fertilidade e da beleza do amor. Oxum é o Orixá associado a maternidade, a qualidade de ser mãe e gerar vida através da beleza, do amor e da sensualidade. Os versos da música Oxum⁵ de Serena Assumpção exaltam as qualidades da Orixá:

A sua luz reluz os seus encantos
A sua luz reluz o seu axé
A sua luz que vem da cachoeira
Das santas águas doces
De mamãe oxum

Conta uma das lendas que os Orixás masculinos destinados a criar o mundo terreno não obtinham sucesso em suas primeiras empreitadas e foram reclamar com Olodumaré, que alegou que os homens não estavam incluindo Oxum e outras mulheres em seus planos e reuniões, quando Oxum foi convidada para tais encontros todos os planos começaram a dar certo

⁴ <https://genius.com/Alafia-oxotokanxoxo-e-uiratupa-lyrics>

⁵ <https://genius.com/Serena-assumpcao-oxum-lyrics>

novamente. Oxum nos encanta com sua beleza e sua fertilidade, o poder ancestral feminino promove o sucesso e a fecundidade das ideias e dos projetos.

Considerações finais

O pensamento Nagô Yorubá nos possibilita então a pensar o currículo de outras formas, da mesma forma que o seu sistema epistemológico, filosófico e mitológico se organiza de forma sincrônica e interligada, é possível pensar num currículo que não delimite barreiras entre o *dentrofora* escolar.

O fetichismo inerente a teoria crítica do currículo pode ser encarado não como uma dicotomia moderna, é possível criar *conhecimentossignificações* distante dessa retórica. Rompendo com o imaginário histórico que discrimina a diferença, estamos desfetichizando o currículo de seu histórico racionalizante, e abraçando os fetiches podemos permear nossos currículos e cotidianos com encantamentos que promovam essa virada estética e epistemológica.

Referências bibliográficas

- ALVES, Nilda. Decifrando o pergaminho – o cotidiano das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: OLIVEIRA, Ines Barbosa de; ALVES, Nilda. (Org.). Pesquisa no/do cotidiano das escolas: sobre redes de saberes. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- ALVES, Nilda. Cultura e cotidiano escolar. Revista Brasileira de Educação, n.23, pp.62-74. 2003.
- ALVES, Nilda; FERRAÇO, Carlos Eduardo; SOARES, Maria da Conceição. Michel de Certeau e as pesquisas nos/dos/com os cotidianos em educação no Brasil. Pedagogía y Saberes No. 46 Universidad Pedagógica Nacional Facultad de Educación. 2017, pp. 7-17
- MACHADO, Adilbênia Freire. Filosofia africana para descolonizar olhares: Perspectivas para o ensino das relações étnico-raciais. #Tear: Revista de Educação Ciência e Tecnologia, Canoas, v.3, n.1, 2014.
- RIBEIRO, Ronilda Iyakemi. Alma Africana no Brasil - Os iorubás. - São Paulo: Editora Oduduwa, 1996.
- SODRÉ, Muniz. O terreiro e a cidade. Petrópolis. Vozes. 1988.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. O currículo como fetiche. A poética e a política do texto curricular. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. Documentos de identidade – uma introdução as teorias do currículo. 3ª Ed. Autêntica. Belo Horizonte. 2010.
- VERGER, Pierre Fatumbi. Lendas africanas dos Orixás. Tradução Maria Aparecida da Nóbrega. - 4 a ed. - Salvador: Corrupio, 1997.